

“Hard against the soul”, de Dionne Brand

*tatiana nascimento dos santos*¹

*Priscila Francisco Pascoal*²

Dionne Brand, poeta, romancista, documentarista e professora universitária, nasceu em Trinidad, uma ilha caribenha perto da Venezuela, e migrou para o Canadá na adolescência. Ganhadora de prêmios internacionais, como o “Governor General’s Award for Poetry” e o “Toronto Book Award”, é considerada ora caribenha ora canadense, apesar de reivindicar ser apátrida, e geralmente aborda temas como mulher, negritude, sexualidade, imigração, colonialismo, diáspora e justiça social. Alguns de seus trabalhos mais bem conhecidos e aclamados são o romance “What we all claim for”, o livro de poemas “thirsty”, o ensaio “Bread out of stone” e “A map to the door of no return”, uma meditação sobre negritude na diáspora.

O presente poema, “hard against the soul”, consiste em uma série de poemas enumerados, em que Brand conecta a negritude ao amor lésbico e à resistência política ao militarismo. Nele as sensações do eu-lírico parecem se confundir com o que Brand provavelmente experienciou: ser africana em diáspora e vivenciar as (con)tradições de uma segunda diáspora, tão típica nos países caribenhos, principalmente para pessoas com sexualidade não normativa: imigrar em busca de melhores condições de vida – sendo lésbica – e se aventurar em terras estrangeiras que remetem, de várias formas, a um lugar de não pertencimento, de distintas línguas, modo de vida, crença.

1 Doutora em Estudos da Tradução (UFSC); integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades Audre Lorde – GEPEGES Audre Lorde; editora da Padê Editorial; poeta, blogueira. Contato: palavrapreta@gmail.com

2 Professora na University of Guyana, no Caribe, de 2011 a 2013; Consultora linguística e tradutora no Projeto “Envisioning” com a York University e a Society Against Sexual Orientation Discrimination (SASOD); integrante do Grupo de Estudos Mulheres Negras/UnB e do Movimento do Vídeo Popular; videomaker e fotógrafa. Contato: priscilafpascoal@gmail.com

Pode-se, então, considerar que, na poética do presente poema, a questão das diásporas é bastante forte: a partir de África em direção às Américas – enfrentando desafios de mulher preta em solo trinidadiano, e a partir de Trinidad em direção às terras dominadas pelo colonizador – em busca de melhores condições de vida e sendo sexualmente dissidente. Para o eu-lírico, há o desafio de desejar o que não pode ser desejado enquanto mulher caribenha: outra mulher. Apesar do tom de romance e amor, o eu-lírico, de forma alguma, deixa passar em branco aspectos sociais, históricos e políticos: “do not think that things scape me (...) the police bullet glistening through a black woman’s spine in November, against red pools of democracy bursting the hemisphere’s seams(...)”. Algo marcante na linguagem da poeta é o deixar os verbos, tão presentes na língua inglesa, de lado: “I dreamless”, “I lucky”, características típicas da língua materna de seu país de origem, onde a língua do colonizador é a oficial, embora o que impere na língua do povo seja o crioulo trinidadiano.

Para esta tradução, algumas das nossas preocupações foram preservar, sempre que possível, métrica e ritmo similares ao do texto de partida e também deixar transparecer, em português, aspectos gramaticais da língua trinidadiana: “she *fraid* to touch”, traduzido como “*tá* com medo de tocar”, “She *look* like a boy in a dress”, traduzido como “Ela *tá* que nem um menino de vestido”. Essas estruturas usualmente são percebidas por pessoas que visitam o Caribe como marcas de informalidade. Embora não seja esse o caso, pois se trata da gramática da língua trinidadiana, optamos ainda assim, na versão em português, por manter essa leitura de informalidade para mostrar, seguindo a tendência da poética de Brand, a quebra no padrão da língua oficial – o inglês, diversas vezes visto como mais formal.

duro contra a alma

I

essa garota é você, essa estrada que sobe
até Blanchicheuse, essa curva, cada uma um pedaço
de azul e terra se desenrolando, batendo, rocha e
oceano esse esgarçar, amaciando as entranhas
pérola de concha e coral

essa garota é você, essa é você todos lados de mim
serra estrada e declive pelo coqueiral em Manzanilla
essa floresta de areia e palma magra em forma de maresia
esse querendo cair, dependurando, esverdeando
saciando a estrada

essa garota é você, mesmo que você nunca veja
a queda antes de Timberline, aquela mancha de mar
negro brilhoso em terra de arbusto-fumaça, aquele pulsar do peito
que se estica até Maracas, a baía de La Fillete nunca te conheceu
mas você faz ela se lavar das rochas

essa garota é você, o pedaço de lagoa, aligátor
há muito abandonado, essa pedra da minha juvenil
hesitação em andar certo, entrando na estrada Schoener
entrando em egunzinho e espírito, ao paredão e mar
quebrando duro contra coisas, entrando em estação de fogo

essa garota é você, esse é o poema que mulher nenhuma
jamais escreve pra uma mulher porque tá com medo de tocar
esse rio fervendo como uma mulher no dormir dela
aquele cheiro de coxas frescas e suor morno
lençóis dela como o mitan se adentrando no Atlântico

essa garota é você, algo nunca esvaído nem esquecido
algo duro contra a alma
essa é onde você faz sentido, onde a vista fica
terna, humano o ar da noite, o silêncio besta conversa
solta, vulcões cessam, e estar desperta é
mais adorável que sonhos

hard against the soul

I

this is you girl, this cut of road up
to Blanchicheuse, this every turn a piece
of blue and earth carrying on, beating, rock and
ocean this wearing away, smoothing the insides
pearl of shell and coral

this is you girl, this is you all sides of me
hill road and dip through the coconut at Manzanilla
this sea breeze shaped forest of sand and lanky palm
this wanting to fall, hanging, greening
quenching the road

this is you girl, even though you never see it
the drop before Timberline, that daub of black shine
sea on bush smoke land, that pulse of the heart
that stretches up to Maracas, La Fillete bay never know
you but you make it wash up from the rocks

this is you girl, that bit of lagoon, alligator
long abandoned, this stone of my youngness
hesitating to walk right, turning to Schoener's road
turning to duenne and spirit, to the sea wall and sea
breaking hard against things, turning to burning season

this is you girl, this is the poem no woman
ever write for a woman because she 'fraid to touch
this river boiling like a woman in she sleep
that smell of fresh thighs and warm sweat
sheets of her like the mitan rolling into the Atlantic

this is you girl, something never waning or forgetting
something hard against the soul
this is where you make sense, that the sight becomes
tender, the night air human, the dull silence full
chattering, volcanoes cease, and to be awake is
more lovely than dreams

II

eu quero te envolver toda de mim aqui nessa linha pra
você saber de uma coisa, não só que eu tô morrendo
de algum jeito mas que tive meus motivos. Essa
graça, veja bem, vem como uma surpresa e nada até
agora sacode meu crânio afiado, então, essas sílabas
aguadas mornas, é tão cultura uma língua de mulher,
escavando até pedras nem ainda formadas em carne,
linguagem nem ainda feita... eu quero te beijar fundo,
cheirar, provar a água morna da sua boca tão morna quanto
suas mãos. eu dou sorte é da graça me juntar e
perdoa minha reteza.

II

I want to wrap myself around you here in this line so
that you will know something, not just that I am dying
in some way but that I did this for some reason. This
grace, you see, come as a surprise and nothing till
now knock on my teeming skull, then, these warm
watery syllables, a woman's tongue so like a culture,
plunging toward stones not yet formed into flesh,
language not yet made... I want to kiss you deeply,
smell, taste the warm water of your mouth as warm as
your hands. I lucky is grace that gather me up and
forgive my plainness.

III

Ela era uma mulher cujos olhos vinham frescos, dizendo, eu confio em você, você não vai ser a mulher que vai embora pelo Atlântico em Santa Maria e nunca retorna. Você não pode sonhar esse oceano turquesa te envolvendo na mercê de seu murmúrio, suas mãos não vão se deter no meio da mirada, você não vai acontecer numa ideia fácil como essa num quarto de hotel em Guanabo, não numa manhã enquanto assiste sozinha dessa praia, o sol escorrendo laranja, ou sentando num banco de mármore na Havana Velha, alheia. Você não vai olhar pro seu relógio numa noite no começo de junho e achar esse mar gentil tão bom quanto outro pra uma caminhada além dos reflexos de sua carne.

III

She was a woman whose eyes came fresh, saying, I trust you, you will not be the woman who walks out into the Atlantic at Santa Maria and never returns. You cannot dream this turquoise ocean enveloping you in its murmuring thrall, your hands will not arrest in the middle of gazing, you will not happen on an easy thought like this in a hotel room in Guanabo, not on a morning as you watch alone from this beach, the sun dripping orange, or sitting on a marble bench in Old Havana, vacantly. You will not look at your watch on a night in early June and think this gentle sea as good as any for a walk beyond the reflexes of your flesh.

IV

você mal ouve minha voz agora, mulher,
 mas eu ouvi você no meu ouvido por muitos anos vindeiros
 a língua rosa de uma concha grande murmurando e
 bocejando, chá sussurrante, toco, pão, ela, azul,
 golpeando esses nomes simples do hábito, mais doce
 e tão comum quanto noite esfarelado flocos negros
 de conversação em um sono, repetitivo como meios-dias
 e neve lá no norte, a rouquidão e pigarro, eu te disse,
 sem leite, limpar...

você mal ouve minha voz mas eu ouvi você
 no meu sono vasta como ondas recitando suas preces
 tão pontuais que seu real significado dá no peito,
 dizendo, temos que fazer sentido pra viver aqui,
 essa aliança é como unha e carne mas ancestrática,
 e olha, amor, não tem poemas para isso, só
 triângulos, retalhos, prisões de tecido púrpura,
 tempo começa com esses gestos, esse
 silêncio súbito precisa de palavras ao invés de sussurros.

você mal pode ouvir minha voz agora mas mulher
 eu senti seu respiro no meu rosto em anos vindeiros
 como se perdendo minha vista na pausa negra da noite, eu traço
 a pérola do seu suor pra manhã, virando se você
 vira, peito a peito prosa muda nós giramos em círculo,
 e nada mais pode ter passado aqui exceto
 também o mapa de voltar pra casa, a geografia dura
 de trincheiras, querelas, plaqueiros, barricadas.

IV

you can hardly hear my voice now, woman,
but I heard you in my ear for many years to come
the pink tongue of a great shell murmuring and
yawning, muttering tea, wood, bread, she, blue,
stroking these simple names of habit, sweeter
and as common as night crumbling black flakes
of conversation to a sleep, repetitious as noons
and snow up north, the hoarse and throaty, I told you,
no milk, clean up...

you can hardly hear my voice but I heard you
in my sleep big as waves reciting their prayers
so hourly the heart rocks to its real meaning,
saying, we must make a sense here to living,
this allegiance is as flesh to bone but older
and look, love, there are no poems to this, only
triangles, scraps, prisons of purpled cloth,
time begins with these gestures, this
sudden silence needs words instead of whispering.

you can hardly hear my voice by now but woman
I felt your breath against my cheek in years to come
as losing my sight in night's black pause, I trace
the pearl of your sweat to morning, turning as you
turn, breasts to breasts mute prose we arc a leaping,
and no more may have passed here except
also the map to coming home, the tough geography
of trenches, quarrels, placards, barricades.

V

Não é suficiente aqui marcar a água ou dobra da pele,
macia a costa, secreta a nuca, roxeados os lábios. Ela
bem me estalou noite passada. Eu ouvi ela cantando e
não pude dançar. Eu ouvi ela navegar o solo denso de
quem nós somos. Sua infinita ser negra soerguendo,
doçurando.

para faith

V

It is not sufficient here to mark the skin's water or fold,
the back soft, the neck secret, the lips purpled. She
startled me just last night. I heard her singing and
could not dance. I heard her navigate the thick soil of
who we are. Her boundless black self rising,
honeying.

for faith

VI

escuta, só porque eu passei esses
poucos versos tateando esse registro do coração,
aplaudindo vida, como uma mulher numa praia ruidosa,
chamando sangue pra veias secas como areia,
não pense que coisas me escapam,
essa pele esgarçada da fome estrepidando como um arco,
esse calafrio apitando na cara branca do capital, uma
sombra vagueando, vejada de gelo e sem sangue pelos
becos de luz úmida da cidade, a bala da polícia cintilando
pela espinha de uma mulher negra em novembro, contra
poças vermelhas de democracia estourando as costuras do
hemisfério, o coração afunda, e afunda como uma lua.

VI

listen, just because I've spent these
few verses fingering this register of the heart,
clapping life, as a woman on a noisy beach,
calling blood into veins dry as sand,
do not think that things escape me,
this drawn skin of hunger twanging as a bow,
this shiver whistling into the white face of capital, a
shadow traipsing, icy veined and bloodless through
city alleys of wet light, the police bullet glistening
through a black woman's spine in November, against
red pools of democracy bursting the hemisphere's
seams, the heart sinks, and sinks like a moon.

VII

ainda assim eu devo dizer alguma coisa aqui
alguma coisa que caminhe esse verso até o futuro,
não aonde vou divagando em meu sono,
não onde os olhos brilham a cada vez em quando
em escores velhos, agora eu devo pisar alegre. Eu insonhe.

VII

still I must say something here
something that drives this verse into the future,
not where I go loitering in my sleep,
not where the eyes brighten every now and again
on old scores, now I must step sprightly. I dreamless.

VIII

mas aqui, nesse ponto, tudo que eu vejo é o passado
no museu da revolução na Havana velha quando eu
deveria estar olhando o buraco de bala no colete de
Fidel ou a saia que Haydee Santamaria usou na
prisão, eu vejo o libambo assim que me viro, já quase saindo,
rumo à esquerda, rumo ao futuro, a mulher sentada na
porta negra e histórica dizendo a si mesma isso é
só história branca, o libambo, brilhando ainda depois desse longo
tempo, novo como dia sob meus olhos. Eu volteio naquela sala,
minha voz fez *minha nosa*, como se eu só tivesse derramado água, *meu
deus*, como se minha pele tivesse apenas roçado esse ferro prateado com
suor.

VIII

but here, at this spot, all I see is the past
at the museum of revolution in old Havana when I
should be looking at the bullet hole in Fidel's
camisole or the skirt that Haydee Santamaria wore in
prison, I see a coffle just as I turn, about to leave,
toward my left, toward the future, the woman sitting at
the door black and historic saying to herself this is
only white history, a coffle, shining still after this long
time, new as day under my eyes. I spun in that room,
my voice said *oh dear*, as if I'd only spilt water, *oh
god*, as if my skin had just rubbed this iron silvery with
sweat.

IX

olha, eu sei que você esteve na praia procurando pelo meu corpo noite passada e talvez você vá achá-lo lá, um dia, mas agora vou te dizer, vai ser nessa praia, ou numa praia como essa onde fizeram uma revolução, e vai ser perto daquela duna onde você untou sua pele escuramente contra o sol e vai ser porque eu não sou boa o bastante, não a mulher pra viver no mundo em que estamos lutando pra construir e vai ser num dia como aquele quando você comprou rum pra Marta Beatriz porque ela disse que amava mulheres e você queria acreditar nela, vai ser como quando nós andamos de Marazul a Boca Ciega subindo a areia cobrindo a estrada e depois que eu passei três dias te mostrando mimosa e você finalmente viu.

IX

look, I know you went searching on the beach for my body last night and maybe you will find it there, one day, but I'll tell you now, it will be on this beach, or a beach such as this where they made a revolution, and it will be near that dune where you oiled your skin darkly against the sun and it will be because I am not good enough, not the woman to live in the world we are fighting to make and it will be on a day like the one when you bought rum for Marta Beatriz because she said she loved women and you wanted to believe her, it will be like how we walked from Marazul to Boca Ciega climbing over the sand covering the road and after I spent three days showing you mimosa and you finally see it.

X

Então é simples assim. Eu senti o desordinário romance de mulheres que amam mulheres pela primeira vez. Ele explodiu na minha boca. Alguém disse essa é sua primeira amante, você nunca vai querer deixá-la. Eu tinha na mente que eu seria uma mulher velha contigo. Mas talvez eu sempre tenha tido na mente apenas ser uma mulher velha, escurecendo, em algum lugar com outra mulher velha, então, eu decidi que era você quando você me achou naquele apartamento tomando whisky de café da manhã. Quando eu vim de volta de Granada e fiquei louca por dois anos, aquela vez quando eu podia ouvir qualquer coisa e minha pele ardia como um nervo e os muros eram como papel e meus olhos não podiam fechar. Eu de repente senti você no final do meu quarto esperando. Eu vi suas costas curvadas contra essa cidade que habitamos como guerillas, eu esfreguei minha mão, consciente, contra sua barriga macia, despertando.

Uma vez eu vi essa mulher num outro poema, sentada, jogando água na cabeça dela na pele de uma praia afastada enquanto ela se ia até seu centenário. Vendo ela nenhuma parte de mim ficou confortável consigo mesma. Eu a invejei, tão velha e assentada, um certo hábito lavado de seus olhos. Eu devo tê-la reconhecido. Eu sei que eu assisti a ela ao longo da beira das ondas prometendo a mim mesma, uma mulher velha está livre. Nos meus nervos algo como desembaraçando, e ela era um lugar para ir, creia-me, contra rajadas de masculinidade mas naquele então, ela era masculina, mulher velha, pássaro velho de soslaio na asa da água sobre a cabeça dela, jurando sobre a respiração dela. Eu tinha ideia de que ela seria graciosa em mim e ela poderia ter sido se eu não tivesse ouvido você rindo em outro tempo e levantado minha cabeça do charme seco dela.

Você talhou o mundo aberto para mim. Alguém disse essa é sua primeira amante você nunca vai querer deixá-la. Meus lábios não podem mais dizer mulher velha escurecendo, ela é a paz de uma outra vida que não aconteceu e não poderia acontecer em minha carne e não era paz mas voou adentro mulher velha, prece, aos santos de minha ancestralia, as mulheres que levando cuia e balde batiam seus peitos em pedra descamando prole e sorriso. Eu sei desde aquilo que uma mulher velha, escurecendo, se arranca de limbo a limbo, se drena branca, correndo, pele rota e crua como uma bola de luz brilhante, voando, até mulher velha. Eu só agora sei que meu anseio por essa mulher velha era anseio para deixar a mirada aprisionada dos homens.

É verdade, você passa os anos depois dos trinta questionando a sugestão de que você tem sido uma imbecil, ouvindo finalmente todas as palavras que te atravessavam como ar, como diversão, ou todas as palavras que devem ter existido enquanto você estava ouvindo outras. O que eu ia querer com essa frase que você diz deixando-a de lado... e de novo às vezes você era enganada, poemas postos deliberadamente no seu caminho. Às onze, a estrofe de um vestido amarelo me sentou de pernas cruzadas no meu sexo. Era a festa de aniversário abrupta de um menino. Um vestido amarelo pra uma tomboy, a punhalada ritual da feminilidade pega na cintura. Ela tá que nem um menino de vestido, minha irmã maior diz, uma correção lírica e feminina de uma tia atenta, não diga isso, ela está ótima e linda. Ótima e linda, arrumado pra estilhaçar você, pra que nunca, até que seja quase tão tarde pra não importar você engula uma parte, algo faltante como uma asa, algum fragmento do seu eu real.

Mulher velha, aquele era o fragmento que eu peguei no seu olho, aquele era o olhar por que me apaixonei, o pedaço de você que você guardou, o seu pedaço deixado, a lésbica, a inviolável, sentada numa praia em um tempo que não ouviu seu nome ou então teria te afogado dentro do mar, ou você, ouviria aquele nome e você mesma andaria voluntariamente para o azul emudecedor. Em vez disso você sentou e eu vi seu olhar e persegui um olho até ele chegar ao final de si mesmo e então eu vi o outro, o fragmento ardente.

Alguém disse essa é sua primeira amante, você nunca vai querer deixá-la. Há santos dessa ancestralia também que eles mesmos riem como periguetes no prazer de suas pernas e carinham seus sexos em espelhos. Eu me tornei eu mesma. Uma mulher que olha para uma mulher e diz, aqui, eu achei você, nisso, eu estou enegrecendo do meu jeito. Você talhou o mundo cru. Foi como se uma outra vida explodisse na minha cara, brilhando, tão fácil a frente de uma asa tocando a beira, tão fácil eu vi meu próprio corpo, ou seja, meus olhos me seguiram até mim mesma, me tocaram como um lugar, uma outra vida, terra. Dizem que esse lugar não existe, então, minha língua é mítica. Eu estava aqui antes.

X

Then it is this simple. I felt the unordinary romance of women who love women for the first time. It burst in my mouth. Someone said this is your first lover, you will never want to leave her. I had it in mind that I would be an old woman with you. But perhaps I always had it in mind simply to be an old woman, darkening, somewhere with another old woman, then, I decided it was you when you found me in that apartment drinking whisky for breakfast. When I came back from Grenada and went crazy for two years, that time when I could hear anything and my skin was flaming like a nerve and the walls were like paper and my eyes could not close. I suddenly sensed you at the end of my room waiting. I saw your back arched against this city we inhabit like guerillas, I brushed my hand, conscious, against your soft belly, waking up.

I saw this woman once in another poem, sitting, throwing water over her head on the rind of a country beach as she turned toward her century. Seeing her no part of me was comfortable with itself. I envied her, so old and set aside, a certain habit washed from her eyes. I must have recognized her. I know I watched her along the rim of the surf promising myself, an old woman is free. In my nerves something there unravelling, and she was a place to go, believe me, against gales of masculinity but in that then, she was masculine, old woman, old bird squinting at the water's wing above her head, swearing under her breath. I had a mind that she would be graceful in me and she might have been if I had not heard you laughing in another tense and lifted my head from her dry charm.

You ripped the world open for me. Someone said this is your first lover you will never want to leave her. My lips cannot say old woman darkening anymore, she is the peace of another life that didn't happen and couldn't happen in my flesh and wasn't peace but flight into old woman, prayer, to the saints of my ancestry, the gourd and bucket carrying women who stroke their breasts into stone shedding offspring and smile. I know since that an old woman, darkening, cuts herself away limb from limb, sucks herself white, running, skin torn and raw like a ball of bright light, flying, into old woman. I only know now that my longing for this old woman was longing to leave the prisoned gaze of men.

It's true, you spend the years after thirty turning over the suggestion that you have been an imbecile, hearing finally all the words that passed you like air, like so much fun, or all the words that must have existed while you were listening to others. What would I want with this sentence you say flinging it aside... and then again sometimes you were duped, poems placed deliberately in your way. At eleven, the strophe of a yellow dress sat me crosslegged in my sex. It was a boy's abrupt birthday party. A yellow dress for a tomboy, the ritual stab of womanly gathers at the waist. She look like a boy in a dress, my big sister say, a lyric and feminine correction from a watchful aunt, don't say that, she look nice and pretty. Nice and pretty, laid out to splinter you, so that never, until it is almost so late as not to matter do you grasp some part, something missing like a wing, some fragment of your real self.

Old woman, that was the fragment that I caught in your eye, that was the look I fell in love with, the piece of you that you kept, the piece of you left, the lesbian, the inviolable, sitting on a beach in a time that did not hear your name or else it would have thrown you into the sea, or you, hear that name yourself and walked willingly into the muting blue. Instead you sat and I saw your look and pursued one eye until it came to the end of itself and then I saw the other, the blazing fragment.

Someone said this is your first lover, you will never
want to leave her. There are saints of this ancestry
too who laugh themselves like jamettes in the
pleasure of their legs and caress their sex in mirrors.
I have become myself. A woman who looks
at a woman and says, here, I have found you,
in this, I am blackening in my way. You ripped the
world raw. It was as if another life exploded in my
face, brightening, so easily the brow of a wing
touching the surf, so easily I saw my own body, that
is, my eyes followed me to myself, touched myself
as a place, another life, terra. They say this place
does not exist, then, my tongue is mythic. I was here
before.

Referência bibliográfica

BRAND, Dionne. "hard against the soul". In: BRAND, Dionne. *No Language is Neutral*. Toronto: McClelland & Stewart, 1998. pp. 3-4; 33-50.

